

PORTUGAL 3

Montemor-o-Velho nem parece, mas é nome de cidade. Fico me perguntando, se houve uma Montemor-a-Nova.

Trata-se de um aglomerado histórico de mais ou menos 2.500 habitantes que fica às margens do Rio Mondego entre Coimbra e Figueira da Foz.

Sua origem está associada à construção de uma fortaleza mourisca e, no século XIV, ali foi erguido um castelo para proteger Coimbra, de quem adentrasse ao continente, vindo do mar.

As muralhas já foram modificadas em relação à configuração original, recebendo, incluso, influência romana, mas estão bastante bem preservadas, o que torna a visita ao conjunto muito agradável.



Protegida pelas muralhas está a Igreja de Santa Maria de Alcaçova, fundada em 1090, que foi completamente restaurada no século XV, assumindo o estilo manuelino com suas colunas contorcidas e seus alto relevos e dourados rebuscados.



Vendo essa combinação entre espaço militar e espaço religioso, Eda levanta a questão: Portugal é mais belicosa ou mais católica? Pensei um pouco e me lembrei das representações sociais que me conduzem a supor que a Espanha é mais belicosa (e com ela os espanhóis) e Portugal é mais católica (o que explica a cordialidade dos portugueses, herdada por nós). Mais um pouquinho olhando para Montemor-o-Velho e me lembrando das inúmeras fortalezas que vimos no Alentejo, quando por lá viajamos, a maior parte delas abrigando castelos medievais e capelas, logo percebo que a simbiose entre vida política e vida militar

que orientou a vida urbana, desde a Antiguidade até os primórdios do capitalismo, é o que explica Portugal, a Espanha e grande parte da Europa, à medida que nos afastamos um pouco do Mediterrâneo, onde a vida comercial teve maior importância para explicar a urbanização.

O imponente conjunto de Montemor-o-Velho, erguido na colina alta, vislumbra-se tanto do rio, quanto da estrada nacional, a N 111, ao longo da qual também está Vila Verde, onde estamos morando nesses dois meses.

A visita é muito agradável, tanto porque tudo está bem preservado, quanto pelo sol que deixa os perfis da muralha e das torres ainda mais bonitos.

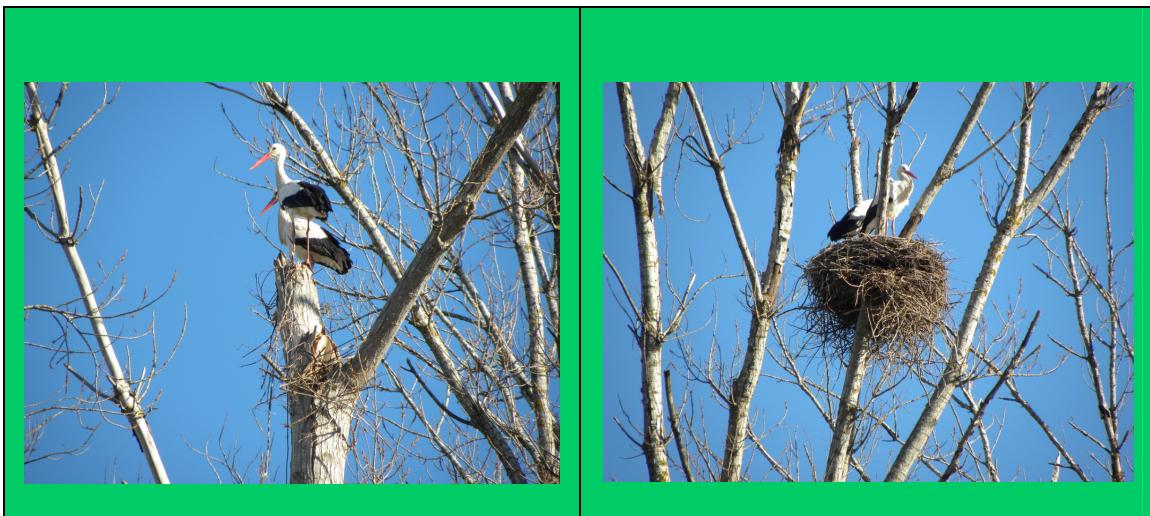
A cidade está bem *amenagée*, como diriam os franceses, e os canais que ladeiam o rio Mondego, são usados tanto para a canoagem como para alimentar as áreas de várzea, nas quais se cultiva o arroz ao longo de um bom trecho, quando percorremos a N 111.



Ao longo do Mondego, nas árvores mais altas, todas desfolhadas pelo inverno, as cegonhas guardam seus ninhos e fazem vôos longos, cruzando o rio.

Na Alsácia Lorena, Dióres, a pedido de Marilu, havia fotografado muitos ninhos de cegonhas, tanto em árvores como nas torres das igrejas.

É de se perguntar quantos séculos elas estão por essa Europa e o tanto que tiveram que se adaptar, nos dois últimos, à urbanização e à perda de áreas bosqueadas e florestadas, dois processos que se intensificaram.



O bom dessas visitas é que a gente se põe a imaginar o que era a vida na Idade Média, em que essas distâncias que, agora, percorremos tão rapidamente de automóvel, entre a colina onde está a fortaleza e a cidade às margens do rio, tinham que ser atravessadas a pé, no frio, carregando-se lenha para aquecer e tudo mais que se precisava para viver. Desse ponto de vista, ser professor de Geografia e de História, na Europa ou na Ásia, é muito mais fácil do que na América. O acúmulo dos tempos na paisagem, a permanência dos traços gerais da armadura da rede urbana, o patrimônio arquitetônico, o traçado de ruas e estradas, o tamanho e a disposição das propriedades rurais, as escolhas de sítio e situação geográficas, tudo, mas tudo mesmo fica parecendo que está ali somente para imaginarmos como terá sido.

